

TRANSCRIÇÃO – HISTÓRIA ORAL (1º TRIMESTRE/2019)

Falar da história do nosso museu, para mim é muito lisonjeador, pois desde o início já havia uma ideia de criar o Museu Índia Vanuíre, mas como que se deu essa criação? Essa criação deu porque o professor Vinicius Stein Campos – era da cidade de Capivari – era muito amigo do professor João Geraldo Iori, que era da mesma cidade, e ele vinha constantemente visitá-lo, e sempre falava-se da ideia de fundar, de abrir um museu, por que nós tínhamos tudo para ter um museu. Além de ter a parte indígena, os nossos índios que viviam [vivem] aqui na região, nós também tínhamos uma história muito bonita da fundação da cidade, e o nosso fundador era um dos grandes incentivadores de querer ter um museu na cidade. A ideia surgiu quando o Dr. Vinicius Stein Campos falou para o professor João Geraldo Iori: “Você tem tudo para poder criar um museu! Além de você ser ligado à educação” – que aquele tempo educação e cultura eram juntos – “... você também tem autoridade como presidente da Câmara”. E nisso ele [João Geraldo] passou a ideia para o nosso fundador que foi um dos grandes incentivadores para a criação desse museu, porque ele já tinha em mente criar um museu para deixar a história da nossa cidade e a história dos nossos indígenas. Com isso, então, já foi determinada a criação desse museu em 1966. Olha, nós temos que frisar bem: o nosso fundador e a esposa foram os maiores incentivadores, foram os que batalharam à frente dessa criação, mas a ideia foi do professor João Geraldo Iori, que era muito amigo do professor Vinicius Stein Campos, que naquela época ele estava ligado à parte da cultura ligada a museus e educação. Então naquela época foram criadas uma leva de museus históricos e pedagógicos pelo interior, e o nosso museu, pelo Decreto de 1966, foi criado, mas quem levou em frente todo o trabalho foi o nosso fundador Luiz de Souza Leão. Por isso que todos dizem que o museu foi fundado por Luiz de Souza Leão. Na verdade, ele foi verdadeiramente um criador, porque ele que trabalhou e que lutou para que criasse esse museu. Para poder conseguir vários acervos para a fundação do museu, ele ia ao rádio, ele e a sua companheira Nair Ghedini, e pediam que quem tinha algum acervo histórico, documentos, moeda... Porque o nosso museu até hoje é bem eclético, ele tem um pouco de tudo, porque no início o que trouxeram (a cidade) de material histórico, e os

nossos índios que já habitavam, nossos indígenas que habitavam já a região aqui da Ponte Alta, que pertencia a Tupã, também começaram a trazer certos acervos ligados à cultura indígena. De início o museu foi criado numa sala no 4º grupo escolar de Tupã, que hoje é a escola Anísio Carneiro. O diretor João Geraldo Iori ofereceu uma sala, mas não foi suficiente, não daria para colocar todo o acervo que eles tinham conseguido. Foi quando o Luiz de Souza Leão ofereceu o terceiro pavimento do Edifício Marajoara, o primeiro edifício de Tupã, que fica entre a [avenida] Aimorés e [avenida] Tamoios, bem na esquina, na confluência dessas duas ruas. Então, dia 23 de setembro de 1967 foi praticamente aberto ao público esse museu, porque já tinha um espaço maior, só que não eram espaços, assim, determinativos como é o nosso, mas tem, ali, misturavam os diferentes tipos de acervo. Mas o, não contente, o nosso fundador, ele quis ainda mais, ele falou: "Eu quero deixar à cidade um local onde abrigue, toda a história indígena e a história da nossa cidade". Foi quando então ele pensou, como ele morava nessa quadra 75, que era tombada pelo Condephaat, ele mandou desapropriar algumas casas para construir. Foi tudo por conta de Luiz de Souza Leão, ninguém auxiliou em nada. Ele construiu. E quando ele começou a construir ele já não estava muito bem de saúde, mas ele lutava para que fosse entregue, antes dele morrer, esse prédio à nossa cidade. E foi que no dia 21 de setembro de 1980, ele já acamado, internado no Hospital Santa Casa de Misericórdia, no apartamento 9, ele ficou ouvindo passar este prédio à cidade, que foi entregue ao prefeito na época, que era o Sr. Dr. Carlos Messas, Abarca e Messas, e com o comparecimento de todo, ã, as autoridades da cultura, da Secretaria da Cultura, vieram para ser entregue este museu. Após ser entregue, teve um almoço solene, onde todos participaram e partiram, mas quando foi às 15 horas da tarde a cidade parou anunciando a morte do nosso fundador. Foi assim que ele conseguiu fazer o seu grande desejo, deixar este prédio à cidade. Bem, eu quero, assim, explicar bem que o prédio, sim, é da cidade, mas todo o nosso acervo, as 38 mil peças, são da Secretaria de Estado da Cultura [Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de SP], porque muitas pessoas acham que tudo pertence à prefeitura. Não. Então, o prédio sim, mas o acervo é todo da Secretaria. Nós temos um acervo bem expressivo e o que destaca o nosso museu dos

demais museus do Estado de São Paulo é o seu acervo etnográfico. E muitos conhecem "A, é museu do índio!", não, não é o museu do índio, mas sim, dizem, porque a maior parte do acervo exposto é um acervo etnográfico. Só que o nosso museu ele ficou durante muito tempo pertencente à Secretaria de Estado da Cultura, embora o prédio seja municipal. Em 2008, esse nosso museu, ele assumiu uma nova, teve uma nova gestão. Passou a pertencer à Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari, e com essa mudança de gestão nós tivemos grandes benefícios em todos os sentidos, tanto no sentido profissional, técnico, predial; onde o nosso museu passou a ter uma, estar situado numa moderna museologia, onde todos os seus funcionários, cada um ocupa o seu determinado órgão. Então nós temos bem diversificado aqui, nós temos Educadores que recebem todos os visitantes, nós temos a Pesquisadora, que cuida do Centro de Pesquisas [Referência] Kaingang e dos Povos Indígenas do Oeste Paulista, nós temos a parte do acervo, a reserva técnica onde também tem especialistas que cuidam de todo o acervo, da conservação, da limpeza; temos a parte burocrática que é administrativa, comunicação, edificação, e temos também a gerente, além de contar com 4 vigilantes que 24 horas fazem a vigia no nosso museu. Eu acho que o museu ganhou muito após essa nova gestão, porque a preocupação da ACAM é deixar a gente constantemente inteirados através de novos cursos, novas reuniões, para que o nosso museu continue a ser um museu destaque, não só no estado de São Paulo. E a nossa, assim, a nossa expectativa é que o nosso Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre, que compõe um quadro de funcionários excelentes, preparados cada um para o seu campo, que ele venha a se destacar não só no estado de São Paulo, não só no Brasil, mas tenha perspectiva para que num futuro, bem perto, nós possamos estar integrados dentro do campo internacional, fazendo parcerias. E o importante do nosso museu é que nós temos um contato muito grande com os nossos indígenas, onde são nossos parceiros. Nós trabalhamos numa forma que eles possam nos trazer conhecimento e nós levarmos conhecimento. Então é importante este museu, um setor onde nós trabalhamos com os grupos indígenas de nossa região, não só da T.I. Vanuíre, como de Icatu, de Araribá, o que torna mais integrado dentro do campo etnográfico.